

# O sucesso olímpico da China

## Um estudo de caso da nova economia do projeto

China's Olympic success

A case study of the new projectment economy

Emanuel Leite Junior\*

► DOI: <https://doi.org/10.14295/principios.2675-6609.2025.171.009>

Reprodução: <https://www.sohu.com/>



Cenas da cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de Pequim, 2008

## RESUMO

Este artigo explora a relação entre o sucesso olímpico da China, a nova economia do projetamento e o socialismo com características chinesas. O argumento central é que a China ter se tornado uma potência olímpica é resultado de políticas esportivas abrangentes conduzidas pelo Estado e implementadas desde a década de 1980, após o regresso do país ao Comitê Olímpico Internacional (COI), fato ocorrido à mesma altura que a reforma e abertura. Essas políticas exemplificam o planejamento estatal, refletindo os mecanismos mais amplos que impulsionam a ascensão econômica e tecnológica da China. Com base em revisão da literatura, o artigo analisa as várias políticas e os diversos planos que promoveram o cultivo de talentos, o investimento em infraestrutura, ciência e tecnologia e as colaborações esportivas internacionais. Esses esforços se alinham com a nova economia do projetamento, no sentido de que o planejamento estatal antecipa as necessidades da sociedade, resolvendo contradições e fornecendo resultados em diversos setores. Nesse contexto, os triunfos olímpicos chineses fornecem elementos para um estudo de caso concreto de como a nova economia do projetamento transcende modelos tradicionais de planejamento econômico para produzir sucesso em domínios como os esportes. O artigo busca contribuir para a discussão teórica da evolução do socialismo na China, demonstrando que a nova economia do projetamento é uma ferramenta conceitual para entender a governança e o sucesso do país, seja econômica, tecnológica ou socialmente.

**Palavras-chave:** China. Nova economia do projetamento. Socialismo. Políticas esportivas. Sucesso olímpico chinês.

## ABSTRACT

This paper approaches the relationship between China's Olympic success, the new projectment economy and socialism with Chinese characteristics. The central point is that China's rise to become an Olympic power is the result of encompassing, state-led sports policies implemented since the 1980s, following its return to the International Olympic Committee (IOC), which occurred at the same time as the reform and opening-up. These policies exemplify the nation's state planning, mirroring the broader mechanisms driving China's economic and technological rise. Drawing on a literature review of China's sports development, the paper analyzes the various policies and plans that fostered talent cultivation, infrastructure, science and technology investments, and international sports collaborations. These efforts align with the new projectment economy, in which state planning anticipates societal needs, resolves contradictions, and delivers results across several sectors. In this context, China's Olympic triumphs provide a concrete case study of how the new projectment economy transcends traditional models of economic planning to produce success beyond economics, such as in field of sports. The paper aims to contribute to the theoretical discussion of socialism's evolution in China, demonstrating that the new projectment economy is an important conceptual tool for understanding the country's governance and success, be it economically, technologically or socially.

**Keywords:** China. New projectment economy. Socialism. Sports policies. Chinese Olympic success.

## 1. INTRODUÇÃO

O esporte de alto rendimento e as competições esportivas internacionais, em particular megaeventos esportivos como os Jogos Olímpicos, transcendem o esporte em si. Giulianotti afirma que os “megaeventos esportivos podem ser considerados uma das mais poderosas manifestações contemporâneas da globalização” (Giulianotti, 2015, tradução nossa). Não à toa, há muito que os papéis econômico, político e social do esporte são foco de grande atenção no domínio da política e da formulação de políticas (Korneeva; Ogurtsov, 2016). Outro aspecto fundamental, consequência dessa transcendência das competições internacionais para além da mera esfera esportiva: o esporte de elite tem sido usado há muito tempo como ferramenta ideológica e como expediente para mostrar os países ao mundo (Gupta, 2009). Nesse sentido, Amara (2012, p. 10) afirma que, ao envolver uma competição que é baseada no Estado-nação, o esporte acabou se tornando o veículo por excelência do sentimento nacional. Assim, os valores das identidades nacionais são misturados com os valores centrais do esporte moderno.

Não por acaso, Orwell descreveu o esporte de alto rendimento internacional e os Jogos Olímpicos como uma “guerra sem tiros” (Orwell, 1945). E não é de admirar que esse conflito travado no campo esportivo tenha se intensificado durante a Guerra Fria, quando as Olimpíadas se transformaram em uma das frentes de batalha político-ideológica, na qual o triunfo esportivo era promovido como demonstração de superioridade do seu modelo de formação econômico-social<sup>1</sup>. Desde os anos 1960, principalmente, tem havido um crescente interesse governamental em buscar o sucesso olímpico, através do desenvolvimento do esporte de elite (Green; Houlihan, 2005). E mesmo após o fim da Guerra Fria, nas últimas décadas, a luta entre nações para ganhar medalhas em grandes competições internacionais cresceu. Isso levou organizações esportivas nacionais e governos em todo o mundo a gastar somas cada vez maiores em esportes de elite. E várias nações mostraram que o financiamento acelerado de esportes de elite pode levar a um aumento do número de medalhas nos Jogos Olímpicos (De Bosscher *et al.*, 2008).

A China, evidentemente, não é uma exceção. Os esportes não ficaram em segundo plano nas estruturas de poder chinesas (Hwang; Chang, 2008). Mao Zedong, mais de 30 anos antes da proclamação da República Popular da China (RPC), em 1949, escreveu um ensaio intitulado “Um estudo da cultura física”, no qual exaltava a educação física como essencial para combater a má condição física da população (Mao, 2004). E, seguindo a tradição marxista de combinar o treinamento da mente com o treinamento do corpo (Riordan, 1976), quando a República Soviética Chinesa foi estabelecida em Ruijing, em novembro de 1931, o governo lançou uma política de esporte e liderança esportiva (Jarvie; Hwang; Brennan, 2008), graças à qual a educação física foi promovida no Exército, nas escolas, nos condados e nas aldeias (Wei; Hong; Zhouxiang, 2010). A RPC identificou o esporte não apenas como forma de manter corpos e mentes sãs, mas também como elemento do processo de modernização da nova China (Leite Junior; Rodrigues, 2024, p. 77).

O sucesso do esporte de elite sempre foi fundamental para o governo da China. Desde que o país retornou ao Comitê Olímpico Internacional (COI), no fim dos anos 1970, à

<sup>1</sup> Recordemos que essa frente de batalha esportiva levou, inclusive, ao boicote de duas edições da Olimpíada: o dos Jogos de Moscou em 1980, puxado pelos EUA; e, como resposta, o liderado pela União Soviética a Los Angeles, em 1984.

mesma altura em que iniciava seu processo de reforma e abertura, e voltou aos Jogos Olímpicos, em 1984, a trajetória olímpica chinesa se tornou um caso único de sucesso. Entre sua primeira medalha de ouro, em Los Angeles 1984, até Paris 2024, a China conquistou 325 ouros, tornando-se a terceira colocada no ranking de medalhas de ouro de toda a história, atrás dos EUA e da União Soviética. A China conseguiu não só alcançar as potências esportivas como se consolidou como superpotência olímpica e única concorrente real dos EUA desde o fim da URSS<sup>2</sup> (Leite Junior; Rodrigues, 2024, p. 89).

Para isso, a China implementou diversos projetos voltados à conquista da glória olímpica, mas também para criar e desenvolver um novo setor da economia — a indústria esportiva —, a fim de servir ao necessário processo de acumulação, como se evidencia na nova economia do projetamento (Jabbour *et al.*, 2020): “Estratégia olímpica” (1985) (Hong; Zhouxiang, 2012d); “Planos estratégicos para a glória olímpica (1994-2000, de 1995; 2001-2010, de 2002; e 2011-2020, de 2011)” (Zheng *et al.*, 2018); “Projeto 119” (Zheng; Chen, 2016) e “Estratégia ‘Convidar para entrar e sair’”, além de planos quinquenais para o desenvolvimento do esporte, elaborados pela Comissão de Esportes, Administração-Geral de Esportes e Conselho de Estado da RPC (Zheng *et al.*, 2018).

O objetivo deste trabalho é olhar para o caso da ascensão da China nos esportes olímpicos para entender o socialismo com características chinesas, a centralidade do Estado e sua capacidade de gerar uma cadeia de setores produtivos. Assim sendo, pretendemos demonstrar de que forma o sucesso olímpico chinês nos ajuda a compreender como funciona não apenas o planejamento do Estado, mas também o projetamento como estágio superior do socialismo chinês, por meio de políticas públicas esportivas que ao mesmo tempo visam ao desenvolvimento dos esportes olímpicos e ao crescimento da indústria esportiva. A trajetória da China até chegar ao patamar de superpotência olímpica acompanha a ascensão do país no cenário global, fruto do seu notável desenvolvimento econômico, tecnológico e social. Ou seja, a escalada olímpica chinesa nos permite visualizar, na esfera esportiva, a concretização da nova economia do projetamento como mola propulsora do processo de *catching-up* chinês<sup>3</sup>, refletindo aquilo que De Paula e Jabbour observaram: a China é o exemplo mais flagrante de um país que busca de forma consciente e persistente uma estratégia de desenvolvimento a longo prazo, a fim de superar a sua própria condição periférica (De Paula; Jabbour, 2020). Em suma, o sucesso olímpico chinês é um exemplo de que “o conceito se manifesta no movimento real”, como bem constata Jabbour e Capovilla (2024).

A trajetória olímpica chinesa tem despertado o interesse acadêmico já há algum tempo. Diversos estudos foram publicados ao longo dos últimos anos (Chen; Zheng, 2019; Green; Houlihan, 2005; Hong, 2008; Hong; Zhouxiang, 2012b; Tan; Houlihan, 2012; Wei; Hong; Zhouxiang, 2010; Zheng, 2019; Zheng; Chen, 2016), contudo nenhum observa esse fenômeno sob a perspectiva das políticas públicas do esporte como um caso concreto da nova economia do projetamento. Desse modo, a pertinência deste artigo reside precisamente no seu caráter

<sup>2</sup> A título informativo, das 9 edições dos Jogos Olímpicos de Verão que disputou, entre 1952 e 1988, a União Soviética venceu 6. Em Barcelona 1992, a delegação vencedora foi a da Equipe Unificada, que reuniu 12 das 15 ex-repúblicas soviéticas. De Atlanta 1996 até Paris 2024, só 2 vezes os EUA não ficaram isolados à frente no quadro de medalhas: em Pequim 2008 (China 48 × 36 EUA) e em Paris 2024 (China 40 × 40 EUA) — o que demonstra o quão significativo é o sucesso olímpico chinês.

<sup>3</sup> *Catching-up* aqui pode ser entendido como um processo pelo qual um país em desenvolvimento reduz o seu atraso tecnológico em alguns setores-chave, com aumento significativo de produtividade, taxas de crescimento e renda, o que resulta em redução da sua assimetria perante os países ricos em termos de desenvolvimento econômico, tecnológico e social.



A China enviou pela primeira vez uma delegação olímpica nos Jogos de Verão de 1952, em Helsinque, Finlândia

inovador, ao utilizar como enquadramento teórico a nova economia do projeto e ao refletir sobre como essa teoria nos ajuda a compreender o desenvolvimento chinês, inclusive na esfera esportiva.

## 2. A NOVA ECONOMIA DO PROJETO

O desenvolvimento econômico da República Popular da China é notável. Em 1978, o PIB chinês era de apenas US\$ 149,5 bilhões; em 2023, havia disparado para mais de US\$ 18 trilhões, tornando a China a segunda maior economia do mundo. A nação oriental também se tornou líder em setores-chave, como eletrônicos, telecomunicações e energia renovável. A China agora responde por mais de 30% da produção industrial global e abriga algumas das maiores e mais inovadoras empresas do mundo. O país também se tornou líder global em tecnologia 5G e inteligência artificial, ressaltando suas ambições de impulsionar a próxima onda de inovação global. As realizações da China na erradicação da pobreza são inigualáveis, com as Nações Unidas reconhecendo sua conquista em tirar mais de 800 milhões de pessoas da pobreza extrema. Nas últimas décadas, a China foi responsável por mais de 70% da redução da pobreza global, demonstrando a capacidade do país de não apenas se transformar, mas também servir de modelo para outras nações em desenvolvimento.

O desenvolvimento econômico, tecnológico e social da China causou uma dinâmica disruptiva a partir da sua ascensão no cenário da geopolítica global e o choque no *status quo* hegemônico ocidental que isso provocou no centro do sistema mundial capitalista, em particular na única superpotência global desde o colapso da URSS, os EUA. O abalo provocado pelo contínuo crescimento chinês nas últimas décadas, sustentado pelo socialismo com características chinesas, despertou uma disputa de narrativas na busca pela definição do



Acima, “diplomacia do pingue-pongue”: visita de delegação esportiva dos EUA à China pela primeira vez na história, em 1971. Ao lado, em 1972 Mao Zedong recebe em Pequim o presidente dos EUA, Richard Nixon

modelo econômico chinês, com argumentos que iam desde a interpretação de que a China simplesmente havia abraçado a economia de livre mercado à alegação de que o país seria uma espécie de “capitalismo de Estado”. Não nos alinhamos nem com um nem com outro. Acompanhamos o entendimento de Heilmann (2018), que considera que a dinâmica de desenvolvimento da China exige a utilização de perspectivas analíticas que vão além de tipologias preconcebidas. Gabriele e Schettino (2012), ao analisarem o “socialismo de mercado” na China, haviam apontado para o conceito de *modo moderno de produção*. Jabbour (2019, p. 113) foi além e sugeriu que uma nova formação econômico-social está em andamento, concepção com a qual Gabriele viria a concordar (Gabriele; Jabbour, 2022, p. 325).

Desse modo, acompanhamos a interpretação de que o socialismo com características chinesas é uma formação social complexa (Jabbour; Dantas; Espíndola, 2021), que reorganizou o planejamento do desenvolvimento em termos de conteúdo, processos e métodos para dar espaço à coordenação do mercado, preservando também o controle geral do Estado (Heilmann, 2018, p. 132), mediante a qual o governo chinês continua a elaborar agendas políticas de longo prazo que visam antecipar, utilizar e moldar as tendências do mercado nacional e global (Heilmann, 2018, p. 131).

Assim, entendemos que foi graças ao processo de *catching-up* que China construiu a própria formação econômico-social a partir de sua realidade concreta, por meio do processo dialético denominado socialismo de mercado, que permitiu ao país, ao adotar elementos da economia de mercado, empreender um impressionante processo de desenvolvimento e acumulação de capital. Alinhamos, dessa forma, nosso ponto de vista com Jabbour *et al.* (2021), que classificam a RPC como uma sociedade liderada por uma força política determinada a fazer a transição para o socialismo (Jabbour; Dantas; Espíndola, 2021) e em que o planeja-

## A trajetória da China até chegar ao patamar de superpotência olímpica acompanha a ascensão do país no cenário global, fruto do seu notável desenvolvimento econômico, tecnológico e social. Ou seja, a escalada olímpica chinesa nos permite visualizar, na esfera esportiva, a concretização da nova economia do projetamento como mola propulsora do processo de *catching-up* chinês

mento pode ser visto como a ação humana deliberada para a estabilidade que faz sentido sob a forma de uma lógica econômica essencial no socialismo de mercado (Jabbour, 2019, p. 112). Estaríamos, assim, diante de um estágio superior do socialismo com características chinesas, a nova economia do projetamento (Gabriele; Jabbour, 2022, p. 325; Jabbour; Dantas, 2021, p. 290; Jabbour *et al.*, 2021).

Na complexa construção da nova economia do projetamento, diferentes modos de produção coexistem. Algo que podemos encontrar na literatura clássica do marxismo. Primeiro, no *Manifesto comunista*, Marx e Engels estabeleceram as bases da concepção da transição do capitalismo para o comunismo:

O proletariado usará sua supremacia política para arrancar, gradualmente, todo o capital da burguesia, para centralizar todos os instrumentos de produção nas mãos do Estado, ou seja, do proletariado organizado como classe dominante; e para aumentar o total de forças produtivas o mais rápido possível (Marx; Engels, 1976a, tradução nossa).

Três pontos nessa passagem se destacam. Marx e Engels reconhecem que a transição será “gradual”, mas ao mesmo tempo enfatizam a importância dos altos comandos da economia quando afirmam que “o proletariado usará sua supremacia política [...] para centralizar todos os instrumentos de produção nas mãos do Estado”. O terceiro ponto tem a ver com o reconhecimento da coexistência de diferentes modos de produção nesse período de transição. Afinal, além de ser uma mudança em graus, ela impõe a necessidade de “aumentar o total de forças produtivas o mais rápido possível”, o que significa que até o fim do processo haverá mais de uma força produtiva. Em 1875, escrevendo a *Crítica ao Programa de Gotha*, Marx se refere mais uma vez à transição para o comunismo, observando que a sociedade comunista será inevitavelmente assinalada com as marcas de nascença da velha sociedade (Marx; Engels, 1976b). O importante, portanto, é identificar qual modo de produção é dominante e qual classe

ou força política tem controle sobre fatores objetivamente estratégicos (Jabbour *et al.*, 2021).

Na China, o Estado detém a centralidade do poder político e econômico, em uma “composição político-social nucleada por forças que advogam o sentido socialista — notadamente o bloco histórico formado pelo Partido Comunista da China (PCCh)” (Jabbour; Capovilla, 2024, p. 4). Jabbour e Capovilla acrescentam que é o caminho construtivo do socialismo que permite o surgimento e o desenvolvimento de conceitos como o do projetamento, que cria a base para transformar as necessidades fundamentais de desenvolvimento da sociedade em tecnologias que concebem, projetam e implementam projetos estratégicos para o bem coletivo, em vez de servir ao capital ou ao mercado. Na China, sob a liderança do Partido Comunista, abordar as demandas sociais conscientemente se torna uma ferramenta genuína para fomentar a racionalidade social (Jabbour; Capovilla, 2024). A centralidade do poder, ao usar a racionalidade social a serviço do desenvolvimento das forças produtivas visando à transformação da realidade concreta através do projetamento, é precisamente o que caracteriza a nova economia do projetamento (Jabbour; Capovilla, 2024, p. 5).

Como veremos a seguir, desde o retorno da China ao COI, o país elaborou e implementou diversos projetos para o desenvolvimento dos esportes olímpicos, um projetamento ao longo de décadas, que identificou as carências e utilizou todo o empenho nacional — *ju-guo tizhi* (举国体制) — para tornar o país uma potência olímpica.

### 3. O ESPORTE NA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA (RPC)

A história está em movimento, com vários elementos em constante interação. Entender a dinâmica dos fatos históricos é considerar que o universal é o ponto de partida e sua natureza é pressuposta na explicação dos particulares. Ou seja, é perceber que a história não acontece por acaso e não é um ato isolado. Portanto, contrariamente à lógica dominante no capitalismo, assim como não se pode separar o produtor do processo total de produção, nem se deve dissociar a divisão do processo de trabalho em partes à custa da humanidade individual do trabalhador, muito menos se for necessário proceder à atomização da sociedade em indivíduos que simplesmente seguem produzindo sem razão (Lukács, 1972), parece-nos inconcebível, por ser insuficiente, analisar o sucesso da trajetória olímpica chinesa a partir dos

Foi através daquele que se tornou o maior exemplo da diplomacia do esporte, a diplomacia do pingue-pongue, que uma delegação estadunidense visitou a China pela primeira vez na história, em 1971, abrindo espaço para que, em 1972, Mao Zedong recebesse em Pequim o então presidente dos EUA, Richard Nixon

anos 1980 em seu particular, dissociado do todo. E como Milton Santos nos ensinou, “o todo só pode ser conhecido pelo conhecimento das partes e as partes só podem ser conhecidas pelo conhecimento do todo”, porém, como alertou o grande geógrafo brasileiro, “essas duas verdades são, porém, parciais”, pois, “para se chegar à verdade total, é preciso reconhecer o movimento conjunto do todo e das partes, pelo processo de totalização” (Santos, 2006, p. 77). Ou seja, não podemos olhar os projetos de desenvolvimento dos esportes olímpicos e da indústria esportiva na China individualmente, mas sim como parte do universal, integrado à sua totalidade, ao seu contexto social, político, econômico, geopolítico.

Não é por acaso que o esporte na China, em particular para os comunistas, como visto na introdução, nunca tenha estado em segundo plano. Com a proclamação da RPC em 1º de outubro de 1949, o esporte seguiu identificado como instrumento fundamental para a construção da nova China. Do mesmo modo que o plano de modernização socialista iniciado pelos comunistas chineses seguia o modelo soviético, inclusive com a adoção dos planos quinquenais (Heilmann, 2018; Hu, 2013; Shabad, 1955), existiu na primeira década da RPC o processo de “sovietização dos esportes chineses” (Hong; Zhouxiang, 2012c; Zheng *et al.*, 2018). Esse processo abarcava, por exemplo, desde a adoção de um sistema de gestão esportiva centralizado (até o nome *Comissão de Esporte* era de inspiração soviética) ao estabelecimento de relações diplomáticas com países do Leste Europeu, permitindo a cooperação e o intercâmbio em diversos esportes e até mesmo levando a RPC a se envolver com o COI, ao participar dos Jogos Olímpicos de Helsinque, em 1952 (Leite Junior; Rodrigues, 2024, p. 78-81).

Compreender a experiência do socialismo chinês nos permite entender fatos históricos do esporte na RPC, da mesma forma como o esporte reflete o meio político, geopolítico e econômico. A disputa política pelo reconhecimento e legitimidade da RPC como a única China fez com que o país se ausentasse dos Jogos de Melbourne 1956 e rompesse com o COI e mais dez federações internacionais esportivas em 1958 (Leite Junior; Rodrigues, 2024, p. 82). O rompimento das relações sino-soviéticas levou a China se reposicionar no tabuleiro da geopolítica global, aproximando-se do Movimento dos Países Não Alinhados e se oferecendo como alternativa (Qingmin, 2013), o que culminou no surgimento dos Jogos das Novas Forças Emergentes, megaevento esportivo bancado pela China e que desafiava a hegemonia do COI (Leite Junior; Rodrigues, 2024, p. 85). As tensões entre chineses e soviéticos no fim dos anos 1960 fizeram com que as lideranças da RPC procurassem, no início da década de 1970, o estabelecimento de relações com os EUA. E foi através daquele que se tornou o maior exemplo da diplomacia do esporte, a diplomacia do pingue-pongue, que uma delegação estadunidense visitou a China pela primeira vez na história, em 1971, abrindo espaço para que, em 1972, Mao Zedong recebesse em Pequim o então presidente dos EUA, Richard Nixon. Na ocasião, o jornal *Diário do Povo* relatou que a China estava de volta à família internacional. No final da visita de Nixon à China, a declaração conjunta das duas nações, o “Comunicado de Xangai”, anunciou que as relações entre elas seriam baseadas nos “Cinco princípios da coexistência pacífica”, e os Estados Unidos reconheceram formalmente que “existe apenas uma China” (Leite Junior; Rodrigues, 2024, p. 86-88).

A diplomacia do pingue-pongue não serviu apenas para estabelecer as relações China-EUA. Os chineses aproveitaram a oportunidade para se reabrir para o mundo. Em 1973, o país retornou à Federação dos Jogos Asiáticos (AGF). A reunião do Comitê Executivo da AGF em 1973 concluiu que a China deveria ser representada pela Federação Esportiva

de Toda a China e que Taiwan fosse expulso (Qingmin, 2013). A China buscou ainda se reconectar com o Movimento Olímpico e, sem sucesso, apelou para participar dos Jogos de Montreal 1976. Em 1979, o COI adotou resolução determinando que o Comitê Olímpico de Taiwan fosse renomeado Comitê Olímpico de Taipé Chinês e a RPC retornasse ao COI na condição de única representante da China.

#### 4. RETORNO AO COI: INICIA-SE O PROJETO OLÍMPICO

O retorno da China ao COI coincide com a ascensão de Deng Xiaoping à liderança do país, marcando o início do período de reformas econômicas e o aprofundamento de um processo iniciado por Mao, de retorno à comunidade internacional e abertura ao mundo. Nesse ponto, a China estabelece como meta a conquista da modernização nacional e o esforço por alcançar os países capitalistas ocidentais. As políticas do esporte não eram estranhas a Deng, que viveu anos na França, era apaixonado por futebol e antes da Revolução Cultural se encarregara das políticas esportivas. E o esporte desempenhou papel fundamental nesse processo de modernização.

Em 1978, a Comissão do Esporte organizou uma conferência nacional na qual o Conselho de Estado declarou que o desenvolvimento do esporte era uma missão importante porque promovia “o impulso para alcançar e até mesmo ultrapassar outras superpotências esportivas” e, portanto, contribuiria “para estabelecer uma superpotência socialista moderna” (Tan; Green, 2008, tradução nossa). A Comissão do Esporte organizou outras duas conferências. Em fevereiro de 1979, foi decidido que novas políticas esportivas seriam implementadas com o objetivo de realizar as “Quatro modernizações”<sup>4</sup>. Em 1980, uma nova conferência estabeleceu oficialmente uma estratégia para o desenvolvimento do esporte. De acordo com o então ministro do Esporte, Wang Meng, um esporte de elite seria uma forma eficaz de impulsionar a imagem do país no cenário internacional. O governo procurou usar o esporte para aumentar a autoestima, a autoconfiança e a dignidade nacionais (Hong; Zhouxiang, 2012d). Wang também reconheceu as limitações econômicas que o país enfrentava àquela altura. Ele declarou, na Conferência Nacional de Esportes, que forjar uma relação entre o esporte e a economia socialista era crucial para o desenvolvimento de um esporte de elite, que poderia ajudar na distribuição dos recursos limitados de toda a nação para esportes ganhadores de medalhas (Hong, 2008; Hong; Zhouxiang, 2012d; Wei; Hong; Zhouxiang, 2010).

Os primeiros planos delineados para esportes de elite na China foram apresentados em 1980. Um plano de curto prazo estabeleceu a meta de fazer o país alcançar o top 10 dos Jogos de Moscou 1980 e o top 6 dos Jogos de Los Angeles 1984, enquanto o plano de longo prazo estabeleceu a meta ambiciosa de elevar o país ao nível de potência esportiva no final da década de 1980. A China, no entanto, foi uma das 65 delegações que integraram o boicote aos Jogos de Moscou de 1980, liderado pelos EUA. primeira participação chinesa nos Jogos de Verão ocorreu em Los Angeles 1984. Aproveitando o boicote liderado pela URSS e a ausência de potências olímpicas como a República Democrática Alemã e alguns países do Leste Europeu, a China alcançou um honroso quarto lugar, com 15 medalhas de ouro.

<sup>4</sup> As “Quatro modernizações” foram metas apresentadas pela primeira vez por Zhou Enlai em 1963, mas implementadas, por Deng Xiaoping, apenas em dezembro de 1978, no 3º Plenário do 11º Comitê Central do Partido Comunista da China. Consistiam, resumidamente, na busca pela modernização da agricultura, indústria, tecnologia e defesa. Sua implementação é considerada um marco do início das reformas na era Deng.



Montagem



EUA boicotaram os Jogos Olímpicos de Moscou, em 1980, e a União Soviética revidou, boicotando as Olimpíadas de Los Angeles, em 1984

O bom resultado em Los Angeles aumentou a ambição olímpica chinesa. Deng Xiaoping, que desde 1978 se envolveu diretamente com a questão do retorno da China ao COI, ressaltou o enorme impacto e influência do esporte e afirmou: “O sucesso do esporte reflete o poder da economia e da civilização de um país. O esporte atrai e inspira muita gente. Nós precisamos melhorar ainda mais os nossos esportes.” (Xu, 2008, p. 216, tradução nossa) De imediato foram adotadas medidas para atender aos objetivos de conquistar o maior número de medalhas de ouro possível. Por exemplo, dois princípios orientadores se tornaram fundamentais: *quan guo yi pan qi* (全国一盘棋) e *guo nei lian bing, yi zhi dui wai* (国内练兵, 一致对外). O primeiro, em tradução literal, seria “um jogo de xadrez em todo o país”, mas seu significado era mais profundo e implicava que as províncias deveriam se concentrar em esportes nos quais pudessem vencer internacionalmente, e tanto os atletas quanto as províncias deveriam seguir o plano da Comissão de Esportes para ajudar a nação a garantir o ouro no cenário global. Já o segundo, “treinando em casa, unidos contra inimigos estrangeiros”, consistia em adotar postura menos competitiva nos torneios nacionais, pois disputas entre equipes chinesas deveriam servir ao aprimoramento de habilidades, afinal o objetivo principal seria ganhar campeonatos internacionais (Xu, 2008, p. 216-217).

Em 1985, a Sociedade de Investigação Estratégica para o Desenvolvimento da Educação Física e do Esporte produziu o documento “Estratégia olímpica”, que estabeleceu, definitivamente, o esporte de alto rendimento como a prioridade tanto a curto quanto a longo prazo e que apontava a conquista de medalhas de ouro olímpicas como razão de honra e orgulho nacionais. No ano seguinte, a Comissão de Esporte implementou as “Decisões sobre a reforma do sistema esportivo”, enfatizando as diretrizes da “Estratégia olímpica”, das quais destacamos: estabelecer o sistema de treino científico; melhorar o sistema de competições

Uma das formas de cumprir o objetivo do “Projeto 119” foi a “Estratégia ‘Convidar para entrar e sair’”. Basicamente consistia na busca de intercâmbio da China com países mais avançados nas modalidades identificadas. A “saída” significava enviar atletas para o exterior, para aprenderem com os melhores treinadores e mediante as melhores técnicas de aprendizagem, mas também para irem a locais cujos centros de treinamento e metodologias de treino fossem mais avançados, obtendo assim conhecimentos para implementar em casa. Por outro lado, o “convite” passava por atrair para a China os melhores profissionais

esportivas; promover a investigação científica do esporte; reformar os sistemas de esporte e educação física; enfatizar o significado político do esporte; melhorar as premiações das competições; desenvolver políticas flexíveis para as competições esportivas. A “Estratégia olímpica” foi o projeto modelo para os esportes chineses nos anos 1980 e 1990 (Hong, 2008), possibilitando a consolidação e desenvolvimento aprofundado de projetos estratégicos para os esportes de alto rendimento nas três décadas seguintes (Zheng, 2019).

## 5. *JUGUO TIZHI* (举国体制) E OS “PLANOS ESTRATÉGICOS PARA A GLÓRIA OLÍMPICA”

Nos Jogos de Seul 1988, contudo, o rendimento chinês caiu. Com o retorno de potências olímpicas como União Soviética e RDA, além de forças do Leste Europeu, os chineses viram o número de medalhas de ouro diminuir de 15 para 5 e despençaram da 4ª para a 11ª colocação. Isso provocou mudanças na estrutura esportiva do país, a começar pelo cargo de diretor-geral da Comissão de Esporte, que foi assumido por Wu Shaozhu. A Comissão de Esporte também reformou o sistema educativo para jovens talentos e, em parceria com o Ministério da Educação, decretou um novo regulamento para a educação física. Na ocasião, o país também percebeu o papel da ciência para o sucesso esportivo, passando a dar-lhe maior importância (Zheng *et al.*, 2018).

Outro grande incentivo foi a ampliação do sistema de apoio ao esporte de alto rendimento, o *juguo tizhi* (举国体制), que direcionou ainda mais todos os recursos disponíveis para os Jogos Olímpicos. *Juguo tizhi* significa que todo o país deve fazer o máximo esforço para apoiar o esporte de alto rendimento: ou seja, que os governos central e locais devem usar o seu poder para canalizar em todo o país os recursos financeiros e humanos adequados para apoiar o desporto de elite, a fim de ganhar a glória olímpica para a nação. O *juguo tizhi* se distingue pelo reconhecimento da ideologia política da China; pela centralização de seu sistema esportivo; e por seu foco na ampliação do nível de sucesso esportivo por meio de um sistema de treinamento especializado e seletivo.

O orçamento para os esportes olímpicos aumentou consideravelmente: o ciclo olímpico para os Jogos de Seul teve um orçamento equivalente a US\$ 552 milhões (US\$ 138 milhões por ano), valor que triplicou para o ciclo de Barcelona 1992: US\$ 1,66 bilhão no total (US\$ 416, 5 milhões por ano) (Xu, 2008). E os resultados em Barcelona 1992 foram animadores. Os chineses voltaram ao top 4, com 16 medalhas de ouro, sendo que dessa vez enfrentando todas as potências olímpicas, incluindo a Equipe Unificada (que reunia 12 das 15 antigas Repúblicas Soviéticas) e a Alemanha reunificada. O presidente chinês Jiang Zemin comentou: “O senso de patriotismo e o espírito de luta dos nossos atletas tiveram enorme influência sobre nosso povo. O sucesso esportivo é o tesouro da nação. Ele encoraja o povo chinês a trabalhar duro para desenvolver o nosso país.” (Hong; Zhouxiang, 2012d)

Como já foi dito, não é possível compreender o desenvolvimento e o sucesso do esporte olímpico chinês se não entendermos todo o processo de transformação apontado para o socialismo pelo qual a China passa sob o comando do PCCh. O ciclo olímpico para Atlanta 1996 é reflexo disso. Após o 14º Congresso do PCCh, em outubro de 1992, adotar oficialmente o sistema de economia de mercado socialista e estabelecer a teoria de Deng Xiaoping sobre o socialismo com características chinesas como teoria orientadora, o esporte também passou por profundas reformas no decorrer da década. Em 1993, Wu Shaozhu defendeu a tese de que o mercado esportivo chinês deveria se abrir ao mundo e que os esportes deveriam se profissionalizar e comercializar. A fim de estabelecer as bases para o crescimento do esporte em uma economia cada vez mais mercantilizada, em 1995 o Conselho de Estado da China aprovou a implementação de três objetivos: o “Plano estratégico para a glória olímpica”, a “Estratégia de desenvolvimento da indústria e comércio do esporte” e o “Programa nacional de aptidão física para todos”.

O “Plano estratégico para a glória olímpica 1994-2000” reforçou o papel fundamental do *juguo tizhi* e a importância do sucesso esportivo para o país. A ambição da China era restabelecer sua imagem e status nacionais e inspirar confiança nacional, tendo como objetivo principal alcançar as potências ocidentais por meio do sucesso olímpico. Isso significava que a “Estratégia olímpica” era uma prioridade nacional e o foco do primeiro “Plano para a glória olímpica” estava em esportes e modalidades individuais. Se antes o objetivo era canalizar os limitados recursos, àquela altura a realidade econômica chinesa já era diferente. Com o desenvolvimento do socialismo chinês, o orçamento estatal para os esportes teve um incremento substancial.

Os resultados vieram. Em Atlanta 1996, a delegação chinesa manteve o 4º lugar obtido em Barcelona, conquistando a mesma quantidade de medalhas de ouro: 16. Já em Sydney 2000, a China saboreou pela primeira vez algo próximo à glória olímpica, conquistando 28 ouros, atrás apenas dos EUA e da Rússia. Na ocasião, o presidente Jiang Zemin afirmou:

“O sucesso dos esportes estadunidenses depende do poder econômico dos EUA; o sucesso dos esportes da Rússia depende dos ricos recursos e da experiência do país em treinamento de atletas de elite; o sucesso dos esportes chineses depende do *juguo tizhi*.” (Wei; Hong; Zhouxiang, 2010, tradução nossa)

No ciclo entre Atlanta e Sydney, a estrutura administrativa do esporte na China passou por grande reestruturação. O modelo soviético, adotado desde os anos 1950, piramidal, centralizado e hierárquico, do governo central aos governos provinciais, destes aos municipais etc., passou a ter um caráter mais multinível e simplificado, adotando aquilo que denominamos “descentralização centralizada” (Leite Junior; Rodrigues, 2024, p. 115) e buscando uma maior eficiência a partir da cooperação multicanais entre os órgãos. Essa mudança acompanhou a reforma do governo central, que reestruturou os ministérios. Em 1998, a Comissão de Esporte passou a se chamar Administração-Geral de Esportes (AGE). Esse órgão também teve sua estrutura alterada, passando de 20 para 9 departamentos.

## 6. PEQUIM 2008 E A GLÓRIA OLÍMPICA

Sediar os Jogos Olímpicos de Verão sempre foi um objetivo importante para a estratégia olímpica chinesa, como bem observam Hong e Zhouxiang, não apenas do ponto de vista esportivo, mas também pela mensagem de força política e econômica, de mostrar ao mundo que o país é capaz de organizar um megaevento esportivo como a Olimpíada (Hong; Zhouxiang, 2012a). Em 1993, a China viu frustrada a tentativa de sediar os Jogos de 2000. Em 2001, porém, o país finalmente venceu a concorrência, e sua capital, Pequim, receberia o maior megaevento esportivo global em 2008.

Esse fato influenciou todo o projeto estatal para a primeira década dos anos 2000. Uma série de projetos foi publicada no intuito de preparar a realização dos Jogos de Pequim e, principalmente, para que a China triunfasse. Em julho de 2002 foi publicado o documento “Maior fortalecimento e progresso do esporte na nova era”, que enfatizava que Pequim 2008 era a prioridade fundamental de todo o país. Baseando-se no plano estratégico anterior, a AGE lançou, em 2002, o “Plano estratégico para a glória olímpica 2001-2010”, este com um objetivo mais audacioso. Sua meta principal era clara: bater os EUA e a Rússia, vencer era tudo o que importava. Afinal, atingir o topo em um megaevento esportivo como os Jogos Olímpicos seria uma forma de mostrar ao mundo o desenvolvimento econômico da China, a sua prosperidade e modernização. Sediar exitosamente esse acontecimento, oferecer estádios e equipamentos esportivos modernos e de alto padrão, apresentar uma cidade organizada e próspera seriam a confirmação de que a nova China havia superado o Século de Humilhações.

Para reforçar o “Plano estratégico para a glória olímpica 2001-2010, outros projetos foram implementados, como o “Plano de ação glória olímpica 2008” (cujo propósito era reiterar a importância de alcançar o topo em Pequim), o “Projeto 119” e a “Estratégia ‘Convidar para entrar e sair’”. O “Projeto 119” tem esse nome porque, quando o governo chinês atribuiu às equipes de alguns esportes e modalidades metas a serem atingidas a fim de maximizar o número de medalhas, o número total de medalhas de ouro nos Jogos de Sydney 2000 era 119. Esses esportes eram: atletismo, natação, remo e canoagem/caiaque e vela.

Uma das formas de cumprir o objetivo do “Projeto 119” foi a “Estratégia ‘Convidar para entrar e sair’”. Basicamente consistia na busca de intercâmbio da China com países



Bancados pela China, os Jogos das Novas Forças Emergentes (Games for the New Emerging Forces — Ganefo) foram criados pela Indonésia nos anos 1960 como contraponto aos Jogos Olímpicos. Na foto acima, a abertura da primeira edição realizada em Jacarta de 10 a 22 de novembro de 1963

mais avançados nas modalidades identificadas. A “saída” significava enviar atletas para o exterior, para aprenderem com os melhores treinadores e mediante as melhores técnicas de aprendizagem, mas também para irem a locais cujos centros de treinamento e metodologias de treino fossem mais avançados, obtendo assim conhecimentos para implementar em casa. Por outro lado, o “convite” passava por atrair para a China os melhores profissionais para trabalharem nos centros de alto rendimento chineses.

Antes de Pequim 2008, entretanto, houve Atenas 2004, ocasião na qual a China conquistou 4 medalhas de ouro a mais do que em 2000, marcando, até então, seu novo recorde, de 32 ouros. Bateu a Rússia e ascendeu ao 2º lugar no quadro de medalhas. Além disso, atletas da China bateram 6 recordes mundiais e 21 recordes olímpicos.

Pequim 2008 foi um grande sucesso, em vários aspectos. Em meio à enorme crise do capitalismo, com recessão econômica nos países do centro do sistema, a China transmitiu ao mundo a imagem de uma nação rejuvenescida, moderna, desenvolvida econômica e socialmente. Hu Jintao aproveitou seu discurso para reforçar a mensagem de ascensão pacífica. Apelando ao espírito olímpico de solidariedade, amizade e paz, Hu ressaltou que, diante da grave crise internacional, o momento demandava, mais do que nunca, “a necessidade de nos entendermos, acomodarmo-nos e cooperarmos uns com os outros”, e finalizou dizendo que o país deveria “promover a construção de um mundo harmonioso, de paz duradora e prosperidade comum” (Giulianotti, 2015).

A China conquistou 51 medalhas de ouro, 15 a mais do que os EUA, e pela primeira vez ocupou o lugar mais alto do quadro de medalhas. O estrondoso sucesso esportivo nos Jogos Olímpicos reiterou esse sentimento de demonstração de capacidade e força da China e, mais, evidenciou o seu novo posicionamento no mundo.

## 7. PÓS-PEQUIM 2008: ALÉM DO OURO

Em 2011, o “Plano estratégico para a glória olímpica 2011-2020” sinalizava que o objetivo passava a ser “aumentar a qualidade e o valor das medalhas de ouro olímpicas”, visando a que o esporte de alto rendimento nacional deixasse de ser “orientado por fatores” para passar a se guiar “pela inovação”. A China consolidou sua posição de potência olímpica em Londres 2012. Com 38 medalhas de ouro, a delegação chinesa superou em 9 ouros a Grã-Bretanha, dona da casa, e ficou na 2ª colocação, atrás apenas dos EUA.

Sob a liderança de Xi Jinping, o foco dos investimentos passou a ser o desenvolvimento da indústria esportiva, com o objetivo de consolidar o país como uma potência esportiva mundial, o que vai além das conquistas em competições internacionais, pois o que se pretende é que a indústria esportiva chinesa seja a maior do mundo até 2035. Para isso, manteve-se a busca pela realização de megaeventos esportivos, como os Jogos Olímpicos de Inverno Pequim 2022 (que fizeram da capital chinesa a primeira cidade do mundo a receber tanto a edição olímpica de verão quanto a de inverno) e os Jogos Asiáticos Hangzhou 2022, ao mesmo tempo que se buscou estimular a prática esportiva como forma de promoção da saúde e do bem-estar. O foco na promoção do preparo físico e da prática esportiva para todos (o incentivo ao esporte como prática recreativa, e não apenas direcionado à formação de atletas de alto rendimento) se evidenciou em documentos como o “Programa do preparo físico nacional (2016-2020)” e mesmo o “13º Plano quinquenal para o desenvolvimento do esporte na China”.

Entretanto, a queda de rendimento do país nos Jogos Rio 2016 ligou o sinal de alerta. A China caiu para a 3ª colocação, ficando atrás dos EUA e da Grã-Bretanha, com apenas 26 ouros. O Conselho de Estado e a AGE intervieram. Foram feitas reformas estruturais, maior investimento com foco no aumento da quantidade das medalhas de ouro e no reforço das modalidades que rendem muitas medalhas, como atletismo e esportes aquáticos. Identificou-se a necessidade de investir em modalidades dominadas pelas potências ocidentais, como atletismo, natação, canoagem, remo e vela, além de esportes coletivos, como basquete e vôlei. Além disso, houve alteração no quadro de treinadores das equipes, incluindo as de ginástica artística, tiro e badminton, modalidades que apresentaram grande declínio entre Londres 2012 e Rio 2016 (Zheng *et al.*, 2018).

Reforçou-se, ainda, o “Projeto de ação de ciência e tecnologia para a glória olímpica”, visando ao aprimoramento do rendimento atlético. A pesquisa de ciência e tecnologia ainda conta com uma estrutura interministerial, a partir do “Projeto de ação para tecnologia olímpica”, envolvendo o Ministério da Ciência e Tecnologia, a AGE, o Ministério da Educação, a Academia Chinesa de Ciências e até a Comissão de Ciência e Tecnologia e Indústria para a Defesa Nacional. De acordo com o *China statistical yearbook 2023*, publicado pela China Statistics Press, em 2022 havia 3.069 agências administrativas do esporte, 8 universidades e faculdades de esporte, 16 institutos técnicos esportivos, 220 escolas de educação física e esportes, 19 escolas de esportes competitivos, 1.201 escolas esportivas de tempo livre, 33 escolas secundárias de educação física, 60 bases de treinamentos, 509 estádios e ginásios e 46 institutos de pesquisa científica do esporte (China Statistics Press, 2023).

Para Tóquio 2020, por exemplo, recorreu-se à tecnologia dos mísseis. A Corporação de Ciência e Tecnologia Aeroespacial da China (CCTAC), principal prestadora de serviços para o programa espacial chinês, pôs à disposição de atletas da natação produtos de mensu-



Durante os Jogos Olímpicos de Paris 2024, a equipe da China conquistou o segundo lugar no quadro de medalhas, ficando atrás apenas dos Estados Unidos

ração aeroespacial, um sistema de alta tecnologia que lhes permitiu ganhar maior agilidade. A CCTAC também desenvolveu um sistema compacto de orientação de mísseis para reunir dados sobre a postura dos atletas. “Através da análise de dados, os atletas puderam formular programas de treinos científicos e tiveram apoio científico para aperfeiçoar suas performances”, publicou a CCTAC em sua conta na rede social Weibo (Chen, 2021). A natação chinesa conquistou 6 medalhas em Tóquio, mesma quantidade ganha no Rio 2016, porém, enquanto em 2016 apenas 1 foi de ouro, em 2021<sup>5</sup> foram 3. Em Paris-2024, foram 2 ouros, mas a natação conquistou o número recorde de 12 medalhas. Mais do que isso, Pan Zhanle venceu o ouro na principal prova da modalidade, os 100 m nado livre, com direito a quebra dos recordes olímpico e mundial.

Os resultados em Tóquio 2020 e Paris 2024 evidenciam a eficiência dos ajustes feitos no sistema esportivo depois do Rio 2016, reforçando o papel do projetamento no desenvolvimento dos mais diversos setores da sociedade. No Japão, a China ficou a 1 medalha de ouro de empatar com os EUA: 38 × 39. Já na França, a disputa foi ainda mais acirrada, e o time chinês conquistou tantos ouros quanto os estadunidenses (40), ficando em 2º no quadro geral.

O sucesso olímpico chinês, contudo, vai além das medalhas de ouro. Como já foi referenciado, um dos objetivos da “Estratégia olímpica” sempre foi o desenvolvimento da indústria esportiva chinesa. Meta que se intensificou sob a liderança de Xi Jinping, como o documento “Opiniões para a aceleração do desenvolvimento da indústria esportiva e promoção do consumo esportivo” (国务院关于加快发展体育产业促进体育消费的若干意见), publicado pelo Conselho de Estado em 2014, deixa bem evidente (Leite Junior; Rodrigues, 2024, p. 112). Esse processo de destruição criativa planejada<sup>6</sup> permitiu a projeção e o

<sup>5</sup> Os Jogos de Tóquio 2020 foram realizados em 2021 devido à pandemia de covid-19.

<sup>6</sup> Segundo Jabbour *et al.* (2020), na nova economia do projetamento, a destruição criativa planejada ocorre quando, por um lado, as inovações institucionais garantem compromissos com a continuidade do processo de desenvolvimento, e, por outro, o projeto é acompanhado do potencial de criação de novos setores econômicos de acumulação.

Os triunfos olímpicos da China oferecem uma ilustração concreta e convincente de como o projeto conduzido pelo Estado pode proporcionar sucesso abrangente em todos os setores, reforçando a validade da nova economia do projeto como modelo para entender a China

protagonismo de diversas empresas chinesas tanto nos Jogos de Tóquio 2020 quanto de Paris 2024: Anta (que já é a 3ª maior marca de material esportivo no mundo em lucros e valor de mercado), Li-Ning (5ª maior do mundo), Peak (patrocinadora do Comitê Olímpico Brasileiro). Empresas chinesas também foram responsáveis por fornecer diversos equipamentos esportivos, bem como muitas das inovações tecnológicas vistas em Paris, em especial o uso da inteligência artificial, foram providas por companhias chinesas, como Alibaba Cloud, SenseTime e Baidu.

## 8. CONCLUSÃO

Este artigo abordou a conexão intrincada entre o sucesso olímpico da China e a nova economia do projeto. A ascensão da China como uma potência esportiva global é resultado direto de estratégias lideradas pelo Estado que se alinham com objetivos nacionais mais amplos. As políticas esportivas do país, implementadas desde a década de 1980 após o retorno da China ao COI, foram moldadas por uma visão abrangente, similar à que norteia seu planejamento econômico e tecnológico. Esse sucesso reflete a essência do modelo de governança da China.

A nova economia do projeto, explorada neste artigo, estende-se além do planejamento econômico tradicional para atender às necessidades da sociedade, facilitando o sucesso em vários campos — incluindo esportes. Por meio de planejamento meticuloso, investimento em infraestrutura, cultivo de talentos e uso de ciência e tecnologia, a China sistematicamente estabeleceu as bases para seu domínio em competições esportivas internacionais. Essa trajetória reflete a ascensão econômica mais ampla da nação, para a qual o papel do Estado na gestão de recursos e na orientação do desenvolvimento provou ser essencial.

As conquistas olímpicas da China constituem um convincente exemplo de como a nova economia do projetamento opera em diversos setores, ressaltando sua capacidade de resolver contradições, entre necessidades sociais imediatas e objetivos estratégicos de longo prazo. A atuação do Estado na promoção da colaboração esportiva internacional e de avanços científicos e na garantia da alocação de recursos para o desenvolvimento esportivo exemplifica como esse modelo econômico transcende preocupações puramente econômicas e promove o progresso nacional holístico.

Além disso, esta análise contribui para uma compreensão mais profunda da evolução do socialismo com características chinesas. Ela mostra como o socialismo, sob o modelo de governança da China, é dinâmico e responsivo, aplicando o planejamento central de maneiras que produzem resultados mensuráveis tanto na prosperidade material quanto na realização social. O sucesso olímpico simboliza objetivos nacionais mais amplos, como modernização econômica, liderança global e coesão social. A nova economia do projetamento, portanto, surge não apenas como uma estrutura para planejamento econômico, mas como uma ferramenta conceitual que captura a natureza multifacetada do crescimento e da governança da China.

Em suma, os triunfos olímpicos da China oferecem uma ilustração concreta e convincente de como o projetamento conduzido pelo Estado pode proporcionar sucesso abrangente em todos os setores, reforçando a validade da nova economia do projetamento como modelo para entender a China. Por fim, concluímos que a integração do desenvolvimento esportivo em um planejamento estatal mais amplo demonstra a capacidade do socialismo com características chinesas de se adaptar, inovar e proporcionar sucesso em um cenário global cada vez mais competitivo e interconectado.

\* Investigador associado do International College of Football, Tongji University (China). Doutor em Políticas Públicas pela Universidade de Aveiro (UA), Portugal. Pós-doutor em Estudos Chineses pelo Departamento de Línguas e Cultura (DLC) da UA. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1512-0019>

► Texto recebido em 5 de outubro de 2024; aprovado em 14 de outubro de 2024.

- AMARA, Mahfoud. **Sport, politics and society in the Arab world**. London: Palgrave Macmillan, 2012.
- BAIRNER, Alan. **Sport, nationalism and globalization: European and North American perspectives**. Albany: State University of New York Press, 2001.
- CHEN, Shushu; ZHENG, Jinming. China's strategies to host the sports mega events. In: ZHENG, Jinming et al. (Org.). **Sport Policy in China**. Abingdon; New York: Routledge, 2019. p. 130-149.
- CHEN, Stephen. The missile tech firing up China's Olympic swimming rockets. **South China Morning Post**, August 2, 2021. Disponível em: <[www.scmp.com/news/china/science/article/3143403/missile-tech-firing-chinas-olympic-swimming-rockets](http://www.scmp.com/news/china/science/article/3143403/missile-tech-firing-chinas-olympic-swimming-rockets)>. Acesso em: 30 nov. 2024.
- CHINA STATISTICS PRESS. **China statistical yearbook 2023**. [S.l.]: China Statistics Press, 2023. Disponível em: <[www.stats.gov.cn/sj/ndsj/2023/indexeh.htm](http://www.stats.gov.cn/sj/ndsj/2023/indexeh.htm)>. Acesso em: 14 out. 2024.
- DE BOSSCHER, Veerle et al. **The global sporting arms race: an international comparative study on sports policy factors leading to international sporting success**. Oxford: Meyer & Meyer, 2008.
- DE PAULA, Luiz Fernando; JABBOUR, Elias. The Chinese catching-up: a developmentalist approach. **Journal of Economic Issues**, v. 54, n. 3, p. 855-875, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/00213624.2020.1791650>>. Acesso em: 14 out. 2024.
- GABRIELE, Alberto; JABBOUR, Elias. **Socialist economic development in the 21st century: a century after the Bolshevik Revolution**. London; New York: Routledge, 2022.
- GABRIELE, Alberto; SCHETTINO, Francesco. Market socialism as a distinct socioeconomic formation. **New Proposals: Journal of Marxism and Interdisciplinary Inquiry**, v. 5, n. 2, p. 20-50, 2012.
- GIULIANOTTI, Richard. The Beijing 2008 Olympics: examining the interrelations of China, globalization, and soft power. **European Review**, v. 23, n. 2, p. 286-296, 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.1017/S1062798714000684>>. Acesso em: 14 out. 2024.
- GREEN, Mick; HOULIHAN, Barrie. **Elite sport development: policy learning and political priorities**. London: Routledge, 2005.
- GUPTA, Amit. India and the IPL: cricket's globalized empire. **The Round Table**, v. 98, n. 401, p. 201-2011, 2009.
- HEILMANN, Sebastian. **Red Swan: how unorthodox policy making facilitated China's rise**. Hong Kong: The Chinese University Press, 2018.
- HONG, Fan. China. In: HOULIHAN, Barrie; GREEN, Mick (Org.). **Comparative elite sport development: systems, structures and public policy**. Oxford: Butterworth-Heinemann, 2008. p. 26-52.
- \_\_\_\_\_; ZHOUXIANG, Lu. Beijing's two bids for the Olympics: the political games. **International Journal of the History of Sport**, v. 29, n. 1, p. 145-156, 2012a.
- \_\_\_\_\_. China's sports policy and politics in the post-Beijing Olympics era. **International Journal of the History of Sport**, v. 29, n. 1, p. 184-189, 2012b. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/09523367.2012.634992>>. Acesso em: 14 out. 2024.
- \_\_\_\_\_. Representing the new China and the sovietisation of Chinese sport (1949-1962). **International Journal of the History of Sport**, v. 29, n. 1, p. 1-29, 2012c.
- \_\_\_\_\_. Sports and politics in the 1980s: the Olympic strategy. **The International Journal of the History of Sport**, v. 29, n. 1, p. 74-97, 2012d.
- HU, Angang. The distinctive transition of China's five-year plans. **Modern China**, v. 39, n. 6, p. 629-639, 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/0097700413499129>>. Acesso em: 14 out. 2024.
- HWANG, Dong-Jhy; CHANG, Li-Ke. Sport, Maoism and the Beijing Olympics. **China Perspectives**, v. 1, 2008.
- JABBOUR, Elias. **China socialismo e desenvolvimento: sete décadas depois**. 1. ed. São Paulo: Anita Garibaldi, 2019.
- \_\_\_\_\_; CAPOVILLA, Cristiano. Pressupostos dialéticos acerca do socialismo e projeto na China de hoje. **Economia e Sociedade**, v. 33, n. 3, 2024. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1982-3533.2024v33n3.281848>>. Acesso em: 14 out. 2024.
- JABBOUR, Elias; DANTAS, Alexis. Ignacio Rangel na China e a "nova economia do projeto". **Economia e Sociedade**, v. 30, n. 2, p. 287-310, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-3533.2021v30n2art01>>. Acesso em: 14 out. 2024.
- \_\_\_\_\_; ESPÍNDOLA, Carlos. China and market socialism: a new socioeconomic formation. **International**

**Critical Thought**, v. 11, n. 1, p. 20-36, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/21598282.2021.1886147>>. Acesso em: 14 out. 2024.

JABBOUR, Elias et al. A (nova) economia do projeto como estágio superior do socialismo chinês. **Revista Desenvolvimento e Civilização**, v. 2, n. 2, 2021.

\_\_\_\_\_. A (nova) economia do projeto: o conceito e suas novas determinações na China de hoje. **Geosul**, v. 35, n. 77, p. 17-48, 2020.

JARVIE, Grant; HWANG, Dong-Jhy; BRENNAN, Mel. **Sport, revolution and the Beijing Olympics**. Oxford: Berg, 2008.

KORNEEVA, Vera A.; OGURTSOV, Evgeny S. The politicization of sports as a soft power public resource. **Indian Journal of Science and Technology**, v. 9, n. 29, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.17485/ijst/2016/v9i29/89854>>. Acesso em: 14 out. 2024.

LEITE JUNIOR, Emanuel; RODRIGUES, Carlos. **China, football and development: socialism and soft power**. 1. ed. Abingdon; New York: Routledge, 2024.

LUKÁCS, Georg. **History and class consciousness: studies in Marxist dialectics**. Cambridge: The MIT Press, 1972.

MAO, Zedong. A study of physical education (April 1917). **Marxists Internet Archive**, 2004. Disponível em: <[www.marxists.org/reference/archive/mao/selected-works/volume-6/mswv6\\_01.htm](http://www.marxists.org/reference/archive/mao/selected-works/volume-6/mswv6_01.htm)>. Acesso em: 26 jul. 2021.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Selected works**. Moscow: Progress Publishers, 1976a. v. 1.

\_\_\_\_\_. **Selected works**. Moscow: Progress Publishers, 1976b. v. 3.

ORWELL, George. The sporting spirit. **Tribune**, December 14, 1945.

QINGMIN, Zhang. Sports diplomacy: the Chinese experience and perspective. **The Hague Journal of Diplomacy**, v. 8, n. 3-4, p. 211-233, 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.1163/1871191X-12341257>>. Acesso em: 14 out. 2024.

RIORDAN, James. Marx, Lenin and physical culture. **Journal of Sport History**, v. 3, n. 2, p. 152-161, 1976.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006.

SHABAD, Theodore. Communist China's Five Year Plan. **Far Eastern Survey**, v. 24, n. 12, p. 189-191, 1955.

TAN, Tien-chin. The transformation of China's national fitness policy: from a major sports country to a world sports power. **International Journal of the History of Sport**, v. 32, n. 8, p. 1071-1084, 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/09523367.2015.1036240>>. Acesso em: 14 out. 2024.

\_\_\_\_\_; GREEN, Mick. Analysing China's drive for Olympic success in 2008. **The International Journal of the History of Sport**, v. 25, n. 3, p. 314-338, 2008. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/09523360701739804>>. Acesso em: 14 out. 2024.

TAN, Tien Chin; HOULIHAN, Barrie. Chinese Olympic sport policy: managing the impact of globalisation. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 48, n. 2, p. 131-152, 2012.

WEI, Fan; HONG, Fan; ZHOUXIANG, Lu. Chinese state sports policy: pre- and post-Beijing 2008. **International Journal of the History of Sport**, v. 27, n. 14-15, p. 2380-2402, 2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/09523367.2010.504583>>. Acesso em: 14 out. 2024.

XU, Guoqi. **Olympic dreams: China and sports, 1895-2008**. Cambridge: Harvard University Press, 2008.

ZHENG, Jinming. Elite sport development in China: structure and strategy. In: \_\_\_\_\_ et al. (Org.). **Sport Policy in China**. Abingdon; New York: Routledge, 2019. p. 46-78.

ZHENG, Jinming; CHEN, Shushu. Exploring China's success at the Olympic Games: a competitive advantage approach. **European Sport Management Quarterly**, v. 16, n. 2, p. 148-171, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/16184742.2016.1140797>>. Acesso em: 14 out. 2024.

ZHENG, Jinming et al. Sport policy in China (mainland). **International Journal of Sport Policy and Politics**, v. 10, n. 3, p. 469-491, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/19406940.2017.1413585>>. Acesso em: 14 out. 2024.